

Os gigantes da Amazônia atacam um pássaro de ferro

O avião de nosso fotógrafo voou baixo: os krahacore foram fotografados pela primeira vez.



A expedição que saiu terça-feira passada, da base de Cachimbo, para tentar o contato pacífico com os índios Krahacore, tem um fator que pode ajudá-la muito: esses misteriosos índios gigantes do Brasil central estão cercados a Oeste por um rio quase impossível de ser cruzado, a Leste pelos Tchucarramãe (uma tribo de inimiga dos gigantes), de outro lado pelos acampamentos da Transamazônica e, em outro, pela expedição dos sertanistas. Por isso, Orlando Villasboas está otimista:

— E possível que eles reconheçam que não têm alternativa, a não ser aceitar o contato conosco e, em seguida, o convite para mudarem-se para o Parque Nacional do Xingu e deixar livre o caminho da estrada.

A expedição, chefiada por Cláudio Villasboas, leva com ela 26 índios e recebe auxílio da FAB e do Exército no seu trabalho. Na mesma terça-feira em que foi iniciada a caminhada, um avião de reconhecimento da FAB fotografou as aldeias de lança presentes para os índios, que nunca tiveram nenhum contato com a civilização.

Os Krahacore têm três aldeias, localizadas perto do traçado da BR-165 (Cuiabá-Santarém), que está sendo aberta atualmente por batalhões de Construção e Engenharia do Exército. Por isso, tornou-se urgente a pacificação dos índios e sua retirada para o Parque Nacional do Xingu, a fim de preservar a sua cultura.

Sabe-se da existência desses índios no vale do Peixoto de Azevedo desde 1950, quando os irmãos Villas Boas iniciaram seus trabalhos no Brasil Central e, durante um voo de reconhecimento, contaram oito aldeias nessa área. Em 67 e 68 os Villas Boas organizaram duas expedições para pacificar os Krahacore mas, por falta de recursos, não obtiveram êxito.

As duas expedições foram organizadas depois que mais de 50 desses índios apareceram em Cachimbo, no dia 15 de junho de 1967, e colocaram em pânico os moradores da base.

Nesse dia, o pessoal da base esperava a chegada de um C-47, quando viu as margens da pista tomadas por mais de 50 índios armados de arcos, flechas e bordunas. Pensando que estivessem cercados e não vendo nos índios nenhum sinal amistoso, todos correram para se abrigar nas casas, sem saber o que fazer. A sorte foi que o avião chegou cinco minutos depois e, avisado pelo rádio, fez vários voos rasantes para afugentar os selvagens. Essa foi a única vez que eles foram vistos por civilizados, e a uma distância de mais ou menos 200 metros — no meio da vegetação — não foi possível calcular a altura dos índios.

Entretanto, na fuga os Krahacore deixaram arcos e bordunas (taçapê) de aproximadamente 2 metros, o que faz supor que eles tenham realmente um físico bem avantajado.

Antes desse incidente, os irmãos Villas Boas já tinham notícias de que esses índios, deveriam ter uma estatura além da normal. Quando pacificaram os Tchucarramãe, encontraram na aldeia um prisioneiro Krahacore com 2,05 metros de altura.

— Esse era o baixinho da tribo — disseram os aprisionadores.

Orlando Villas Boas não levou muito a sério a afirmação, pois sabe que os Tchucarramãe, em constantes guerras com os Krahacore, há mais de um século, tem sempre a tendência de exagerar o tamanho e a força do inimigo, para valorizar suas vitórias.

Pelo número de casas, das aldeias fotografadas, calcula-se que elas abriguem mais de 500 índios. Entretanto, a quantidade de roças — mais de 60 — faz supor que o número de índios seja ainda maior. Talvez mais de 600. Nessas roças, de forma circular, eles plantam milho, mandioca e amendoim.

— Deve ter havido uma mudança muito grande na ma-

neira de viver desses índios nos últimos anos, observa Orlando Villas Boas. Nas primeiras vezes que sobrevoamos a região, em 1960, notamos que as roças eram poucas e bem menores. Eles deviam viver quase que exclusivamente da caça e da pesca.

A mudança é explicada pelo fato de os Krahacore não possuírem até há pouco tempo nenhum instrumento de ferro para derrubar a mata e fazer plantações. Porém (nas duas expedições anteriores, em 67 e 68, foram deixados perto das aldeias dezenas de facões, machados e enxadas. Além disso, os Tchucarramãe, depois de entrar em contato com os civilizados, continuaram suas guerras com os Krahacore e nos combates devem ter perdido muitos instrumentos de metal, que ganharam dos brancos.

Apesar de estar bastante entusiasmado com o apoio do 9º BEC e da FAB, Cláudio Villas Boas acha que não será fácil a pacificação dos Krahacore:

— Eles são índios do grupo Gê, o mais arreado que já conhecemos. São desconhecidos, não sabemos qual a língua que falam, não temos idéia de como vão reagir à nossa aproximação. Talvez o contato demore um mês, talvez mais de um ano.

Cláudio lamenta que a expedição de 68 tenha falhado por falta de apoio logístico:

— Já estávamos bastante adiantados na fase de namoro — eles já reconheciam as ferramentas, panelas e colares que deixávamos no mato e retribuía com flechas, arcos, e enfeites de pena — quando foi recolhido o avião que abastecia a nossa frente de trabalho, onde haviam mais de 30 pessoas. Assim não foi possível continuar. Tivemos de voltar e perdemos todo o trabalho de mais de seis meses.

Agora, o sertanista vai reiniciar o trabalho e tem pressa de concluí-lo, pois dentro de mais dois meses as turmas de topografia do 9º BEC já estarão passando na região das aldeias e, antes do fim do ano, as máquinas de terraplenagem já rasgarão a estrada.

Apesar de todos esses problemas, Cláudio não esconde a sua alegria de estar realizando um trabalho que agora não só é julgado importante. O próprio coronel Meireles, comandante do 9º BEC, reconhece que o interesse de sua unidade nessa missão é igual ou maior que dos sertanistas e da Funai.

De bordo de um pequeno avião de reconhecimento, pilotado pelo tenente Veiga, o capitão Marcos Monteiro fotografou as aldeias e lançou presentes para os índios, no momento em que Cláudio Villas Boas e seus 26 índios entravam na mata.

As fotos (tiradas com uma tele-objetiva cedida pelo fotógrafo do Estado mostram que os Krahacore não tiveram reação de hostilidade ou medo a aproximação do avião em vôo rasante. Uma prova disso é que os índios permaneceram no pátio da aldeia, sem apontar flechas ou lanças:

— Eles pareciam tranquilos e olhavam o avião com a mesma curiosidade do povo dessas cidadezinhas que a gente sobrevoa por aí — disse o capitão Monteiro, que notou ainda que algumas crianças correram para apanhar os presentes que ele lançou.

Orlando Villas Boas contente com o relato do capitão. Mais ainda porque soube que os presentes — bolas de borracha, bonecas e brinquedos de plástico — foram apanhados pelos índios. E, junto dos presentes, ele havia colocado várias fotos suas e de seu irmão abraçados com índios do Xingu:

— Foi muito bom. A essas horas já sou conhecido por lá. Essa história de amarrar fotografia da gente aos presentes é uma publicidade meio demagógica, mas ajuda muito o serviço. Quando eu e o Cláudio aparecermos por lá, com as nossas barbichas fofas — bem características — os Krahacore já saberão que fomos nós que demos os presentes e será mais fácil conquistar sua amizade.



Quando o fotógrafo Rolando de Freitas, do Jornal da Tarde, sobrevoou a aldeia dos índios gigantes, eles atiraram suas flechas e lanças contra o avião. Mas não era a primeira vez que os Krahacore viam um avião. Desde 1967 eles são observados no ar, e sempre se mostram agressivos. Poucos dias antes das fotos de Rolando, o capitão Marcos Montenegro, da FAB, também sobrevoou a aldeia. Fez fotos com a mesma

teleobjetiva do Jornal da Tarde, e a reação dos gigantes foi outra: "Pareciam tranquilos e olhavam o avião com a mesma curiosidade do povos dessas cidadezinhas que a gente sobrevoa. Inclusive, algumas crianças correram para pegar os objetos que nós jogamos: brinquedos, utensílios e fotografias dos irmãos Villasboas".



Cláudio Villasboas vai tentar pela terceira vez a pacificação dos índios gigantes do Brasil Central. Provavelmente, é a única tribo do país que ainda não teve nenhum contato com brancos.